

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Letras
Curso de Especialização em Tradução Inglês-Português - 1999

OS PADRÕES DE QUALIDADE NA TRADUÇÃO TÉCNICA E SUA
INFLUÊNCIA NA PROFISSIONALIZAÇÃO DOS TRADUTORES

Elaborado por:

Gisley Rabello Ferreira

Monografia de final de curso

Orientadora: Prof^ª. Celina Cavalcante Falck

Rio de Janeiro, 02 de maio de 2000.

Curso de Especialização em Tradução Inglês-Português - 1999

**OS PADRÕES DE QUALIDADE NA TRADUÇÃO TÉCNICA E SUA
INFLUÊNCIA NA PROFISSIONALIZAÇÃO DOS TRADUTORES**

Autora: Gisley Rabello Ferreira

Orientadora: Celina Cavalcante Falck

Avaliadora(o): _____

Grau: _____

Aprovada em: ____/____/2000.

Rio de Janeiro

2000

“A melhor tradução é a que mais se aproxima das qualidades do original.”

Paulo Vizioli

“A luta contra o erro tipográfico tem algo de homérico. Durante a revisão os erros se escondem, fazem-se positivamente invisíveis. Mas assim que o livro sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiros sacis a nos botar a língua em todas as páginas. Trata-se de um mistério que a ciência ainda não conseguiu decifrar...”

Monteiro Lobato

“In times of profound change, the learners inherit the earth, while the learned find themselves beautifully equipped to deal with a world that no longer exists.”

Eric Hoffer

Sumário

Introdução	1
Capítulo Um: O sistema de qualidade no mercado de traduções técnicas	2
1.1 O sistema de qualidade total	2
1.2 Uma visão geral do mercado de tradução técnica	4
1.3 Normas e padrões como aliados da qualidade em tradução técnica	8
Capítulo Dois: Os processos da tradução de qualidade e o tradutor	14
2.1 Os projetos de tradução e o gerenciamento padrão do mercado	14
2.2 A qualidade lingüística em traduções técnicas	17
2.3 O tradutor profissional e a questão da tradução vs. integridade da língua	22
Conclusão	26
Anexos	I
A.1 A ISO (<i>International Organization for Standardization</i>) e a ISO 9000	I
A.2 Português europeu vs. português brasileiro	III
A.3 Código de Defesa do Consumidor (parcial)	IV
A.4 Conteúdo dos formulários de controle de qualidade	V
A.5 Problemas sintáticos e estruturais na tradução técnica (coletânea de 1999)	VI
A.6 O português da Internet	IX
Referências Bibliográficas e Bibliografia básica	XI

Introdução

A padronização é um dos fatores mais importantes no processo de garantia de qualidade de traduções técnicas. Traduções que não seguem nenhum padrão invariavelmente apresentam qualidade ruim. Essas traduções não têm lugar no mercado de tradução técnica hoje em dia, pois esse mercado demanda a busca pela qualidade total, o que, por sua vez, é um conceito que se baseia em padrões. Para se obter qualidade no produto final, as agências de tradução aplicam a padronização em todas as etapas de trabalho, desde a organização do projeto, passando pela escolha dos tradutores, pela definição de prazos e pelo gerenciamento terminológico e lingüístico, até a entrega de uma tradução com forma e conteúdo corretos e adequados, no prazo ideal para o cliente final.

O objetivo desta monografia é analisar os efeitos do sistema de qualidade e das padronizações em traduções técnicas sobre o desenvolvimento profissional do tradutor. Para tanto, a proposta é, em primeiro lugar, elucidar a importância dos processos de garantia de qualidade de traduções técnicas para o mercado atual e destacar as ferramentas e os métodos de trabalho que auxiliam a busca por esse ideal para, logo em seguida, analisar a real influência das diversas padronizações do mercado sobre o desenvolvimento global do tradutor profissional, inclusive os vícios lingüísticos decorrentes dessas padronizações.

Todavia, é necessário esclarecer que esta pesquisa não pretende julgar se a estrutura atual do mercado é certa ou errada, ou mesmo propor alterações aos processos de garantia de qualidade das agências de tradução. Ao contrário disso, o objetivo deste trabalho é analisar o quadro atual do processo de tradução dessas agências, inserido no contexto do mercado de trabalho de hoje em dia, e as conseqüências desse processo no desenvolvimento geral dos tradutores técnicos, principalmente dos tradutores iniciantes, recém-formados, que mal saem do meio acadêmico e já são introduzidos em um esquema de trabalho que na verdade é uma faca de dois gumes: o profissional acaba se desenvolvendo muito tecnicamente mas muitas vezes deixa de lado o desenvolvimento lingüístico e a criatividade tradutória.

Capítulo Um:

O sistema de qualidade no mercado de traduções técnicas

1.1. O sistema de qualidade total

O conceito de qualidade é algo que varia de acordo com a percepção de cada pessoa ou de cada grupo de pessoas, ou seja, de cada “cultura” considerada. Esse conceito varia tanto que, dependendo do ponto de vista, a idéia de qualidade muda completamente. Ao considerarmos a dualidade fornecedor-cliente das prestações de serviços, setor do qual fazem parte os serviços de tradução, podemos, por exemplo, enumerar diferentes concepções de qualidade. Na visão do cliente, a qualidade de um produto está diretamente ligada ao seu desempenho, ao cumprimento de especificações, à excelência quanto a um padrão mínimo exigido, à relação custo-benefício, ao atendimento no processo de aquisição, à tradição no mercado, à segurança, à adequação ao uso e, por fim, ao conjunto de atributos e características especificadas, exigidas e esperadas. Já do ponto de vista do fornecedor, a qualidade do produto tem relação com a sua capacidade de satisfazer o cliente, seu custo em contraste com os benefícios que traz à empresa fornecedora e, além disso, com as tendências do mercado: o que é adequado para os clientes. Em suma, o cliente deseja um produto adequado às suas necessidades, ao passo que o fornecedor almeja satisfazer o seu cliente.

Tal dualidade fornecedor-cliente é essencial para se conceituar e se atingir a qualidade. Se considerarmos que qualidade é atender a satisfação do cliente, o fornecedor deverá buscar a qualidade em tudo o que fornecer. Afinal, todo fornecedor também faz as vezes de cliente em outras situações, nas quais invariavelmente espera receber qualidade de seu fornecedor. Dessa forma, verificamos que existem, na verdade, dois tipos de clientes: os externos e os internos. Os clientes externos são os próprios clientes da organização prestadora de serviços, o principal objetivo do processo produtivo. Já os clientes internos são as pessoas com quem os membros dessa organização interagem durante os processos produtivos. Se as partes envolvidas nesses processos considerarem o seu relacionamento sob o ponto de vista dual (fornecedor-cliente), aprimorando os aspectos básicos da satisfação do cliente, a qualidade de todo o processo e também do produto final será assegurada. Uma vez conseguida a qualidade total, manter processos aprimorados e produtos com altos índices de qualidade é uma consequência inevitável.

O modo como se assegura qualidade vem se alterando ao longo dos anos de acordo com o comportamento do mercado. No início do século, devido à maior procura de produtos do que oferta, o perfil do consumidor era completamente diferente do que hoje em dia temos. Os fornecedores não se preocupavam muito em satisfazer os clientes, já que o seu negócio estava garantido. O asseguramento da qualidade era então feito por inspeção final. Nesse esquema, os produtos bons eram separados dos produtos ruins. Na década de 20, W. A. Shewart introduziu nos processos de produção procedimentos baseados em estatísticas para controlar a produção. Assim, amostras do produto eram colhidas ao longo do processo, o que acabou comprovando que a inspeção 100% é uma utopia. A inspeção, de forma semelhante à qualidade, depende da percepção de cada um. Então, na década seguinte, passou-se a adotar a inspeção em amostras do produto final ou durante o processo produtivo, ou seja, foram criados métodos de amostragem e de controle para que fosse assegurada a qualidade do produto final. A inspeção continuou a ser feita, só que por amostras. Nascia então o controle de qualidade. Porém, o sistema de garantia de qualidade só viria a surgir durante a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos viam-se com a necessidade de fabricar material bélico, o que requeria a adaptação de várias fábricas. Como haveria mais de uma fábrica com essa missão, foram criados requisitos mínimos a serem atendidos na fabricação desse material, a fim de que o Governo norte-americano tivesse a garantia de que as fábricas cuidariam de todos os detalhes para que o produto final tivesse a qualidade necessária. Assim, diversas ações planejadas e sistemáticas tiveram que ser adotadas pelos fabricantes. Começava a era da garantia da qualidade.

O sistema de garantia de qualidade atual não só abrange o planejamento e a construção de si próprio. É necessário também que ele mantenha sempre o dinamismo e a flexibilidade, pois o mercado de hoje em dia demanda uma rápida adaptação para que a concorrência não ganhe espaço. Dessa forma, podemos dizer que vivemos a era da administração da qualidade, pois toda a empresa deve estar envolvida nos processos de qualidade e não só o departamento ou os setores de controle de qualidade. A gestão estratégica engloba a garantia, o controle e a inspeção da qualidade. Nesse sistema atual, uma série de documentos é elaborada com o objetivo de levar à estrutura organizacional as informações sobre as ações que deverão ser implementadas em todos os níveis da empresa para assegurar a qualidade dos produtos e dos serviços oferecidos. Tais documentos são uma forma de padronizar as atividades rotineiras e assim facilitar a previsão das ações e a prevenção de problemas. A gestão da qualidade é importante porque assegura a identificação precisa e o atendimento das exigências do cliente ao mesmo tempo em que

proporciona à empresa a máxima vantagem lucrativa. A qualidade total baseia-se no aprimoramento contínuo do negócio, tanto nas suas relações internas como nas relações externas. Todos os aspectos do negócio (pessoas, processos, métodos, equipamentos, serviços) devem ser renovados sempre, para que a qualidade aconteça como consequência de um processo consciente.

O mercado atual anda mais exigente do que nunca. Um exemplo disso é a relação comercial entre os países hoje em dia. A Comunidade Européia de Nações exige, desde 1993, que as empresas interessadas em exportar seus produtos para o Mercado Comum Europeu tenham um sistema de qualidade implantado de acordo com um dos modelos estabelecidos pelas Normas ISO Série 9000 e, além disso, devem ter o Certificado de que o sistema atende os requisitos dessas normas, emitido por um dos países da Comunidade. As empresas interessadas em manter seus negócios precisam organizar seu sistema de qualidade em conformidade com as exigências e os padrões ISO 9000, pois diversos clientes já têm em mente essa condição ao selecionar seus fornecedores (para obter mais informações sobre a *International Organization for Standardization* – ISO, Organização Internacional para Padronizações – e os sistemas ISO 9000, consulte a seção de *Anexos* desta monografia).

1.2. Uma visão geral do mercado de tradução técnica

Com a globalização da economia mundial e a conseqüente integração de vários mercados, o mercado de tradução logo se aqueceu. Na última década, muitos empresários viram no Mercosul (Mercado Comum do Sul, que integra Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) e no Nafta (Tratado de Livre Comércio da América do Norte, que reúne Estados Unidos, Canadá e México), 1991 e 1993 respectivamente, oportunidades de expansão para os seus negócios. Eles viram também que, sem a tradução, isso não seria possível. Além de intérpretes, que são a ponte de comunicação entre as empresas em negociação em uma apresentação de vendas de um produto, por exemplo, a área de negócios também depende muito de tradutores, já que a tradução de acordos, contratos, normas, diretrizes, rótulos e manuais de diversos produtos, entre outros itens, são necessários para sua comercialização em outros países, que por vezes têm leis que exigem a tradução dos produtos e suas especificações como uma forma de proteger o consumidor. O inglês é o idioma mais requisitado, mas também há espaço no mercado para o francês, o alemão e o espanhol, esse último principalmente devido ao Mercosul.

A popularização da informática e da Internet, assim como o advento do *e-business* (comércio eletrônico, ou seja, pela Internet) e sua crescente força, também contribuíram para que a demanda de traduções técnicas aumentasse cada vez mais. Segundo analistas especializados, a previsão é que o mercado mundial para o comércio eletrônico chegue a cerca de 150 bilhões de dólares em 2004. Isso significa que as empresas que apresentarem recursos multilíngües terão vantagens sobre as que não estiverem oferecendo esse diferencial, já que, até 2001, os usuários falantes de inglês não serão mais a maioria na Web. Dessa forma, os usuários não-falantes de inglês estarão à procura de produtos e serviços oferecidos em suas línguas maternas, fato que hoje em dia já acontece, conforme comprovam estatísticas da consultoria americana Forrester Research: as pessoas que fazem compras pela Internet hoje têm três vezes mais chances de comprar itens oferecidos em sua própria língua do que em inglês (Lavôr, 1999). A tradução transformou-se em um recurso poderoso de marketing no mundo globalizado.

No entanto, pelo menos no setor de software e hardware, a tradução não é o único item importante quando uma empresa pensa em comercializar os seus produtos em outros países. A tradução passa então a fazer parte de algo muito maior e mais técnico: a localização e a internacionalização de produtos. A localização nada mais é do que o processo de adaptação de um produto para um mercado específico, de forma que ele se torne apropriado lingüística e culturalmente para os consumidores-alvos. Como etapa anterior à localização, a internacionalização consiste no processo de criação de um produto já se pensando em sua localização, de forma que os ajustes necessários às adaptações às diversas culturas e línguas sejam bem mais fáceis: um produto cultural e tecnicamente neutro. Uma vez que a empresa passa a desenvolver, traduzir e distribuir seus produtos em diversos mercados estrangeiros, ela pode então se considerar globalizada. A globalização é justamente a condição de não depender mais do mercado de seu país e conseguir firmar laços comerciais nos mais distantes locais do globo terrestre. Para globalizar-se, a empresa precisa internacionalizar seus produtos de modo que acelere a localização e comercialização deles nesses mercados longínquos, por vezes mais lucrativos do que o do seu próprio país. A internacionalização hoje atingiu o ponto em que as principais empresas do ramo de software, por exemplo, têm condições de lançar cerca de 30 versões localizadas de um mesmo produto simultaneamente à versão original, já que as localizações ficam prontas em cerca de um a dois meses após o desenvolvimento do software (LISA, 2000:2). A Hewlett-Packard aprendeu o caminho das pedras: graças à internacionalização, cerca de 60% da receita da empresa é obtida fora dos Estados Unidos (Lingo Systems, 1999:4).

Além disso, a internacionalização pode reduzir custos em suporte técnico a esses mercados externos, já que a documentação traduzida pode esclarecer muito mais dúvidas dos consumidores estrangeiros do que se fosse mantida no idioma original. Por conta de todos esses fatores, a localização/internacionalização hoje posiciona as vendas do setor na base de US\$1,5 a US\$2 bilhões por ano, metade dos quais se deve ao sucesso dos dez principais fabricantes de software e hardware, segundo a Associação de Padrões do Setor de Localização, a LISA (*The Localisation Industry Standards Association*). Esses números não incluem, porém, a localização de produtos de alguns setores, como os de dispositivos médicos, bancários, entre outros, que mantêm-se à parte da associação (LISA, 2000:2).

O crescimento do mercado de tradução foi bastante rápido – há dez anos a maioria das empresas de tradução eram pequenos negócios administrados pelos próprios tradutores – e próspero: até 1997 circulavam no mercado mundial de tradução cerca de vinte bilhões de dólares (Freivalds, 1997:28), o que passou a atrair cada vez mais o interesse dos empresários, não necessariamente profissionais ligados à tradução, mas sim administradores de empresas. A tradução virou um excelente negócio, uma vez que o setor de alta tecnologia em informática passou a lançar seus produtos simultaneamente em âmbito mundial, o que gerou ainda mais demanda por localização e tradução, assim como de documentação técnica e de sites da Web. Só em 1990, o setor de informática dos Estados Unidos traduziu cerca de dez por cento de seus documentos para trinta línguas. Até 2005, a estimativa é que 60% dos documentos da área sejam traduzidos para 80 línguas em todo o mundo (Sawyer, 1997:29). Essa guinada mudou para sempre o mercado de tradução técnica. Empresas do porte da Microsoft e da IBM, que antes gerenciavam suas traduções internamente, extinguíram seus departamentos de tradução, ou os reduziram a um pequeno departamento de garantia de qualidade (geralmente com apenas um gerente de tradução para intermediar as negociações com fornecedores externos), e passaram a comprar os serviços de empresas especializadas. As exigências de clientes tão significativos levaram essas empresas fornecedoras a aumentar cada vez mais sua especialização. Passou-se a exigir o uso de tradução automática (MT, *Machine Translation*), tradução assistida por computador (CAT, *Computer-Aided Translation*), memória de tradução (TM, *Translation Memory*), gerenciamento terminológico, entre outras tecnologias ligadas diretamente à tradução, para que os serviços de tradução acompanhassem a demanda tecnológica em constante e rápido desenvolvimento. Nos últimos cinco anos, surgiram as grandes empresas no mercado global de tradução, a maior parte delas como resultado de fusões e consórcios (Sawyer, 1997:29). Alguns exemplos

são Bowne & Co., Berlitz International, ALPNET, SDL, empresas que hoje são inclusive detentoras de tecnologia no setor de tradução e localização. Começava então o domínio atual das multinacionais de tradução, com escritórios em todo o mundo, em um mercado extremamente ativo, no qual a “teletradução” faz o papel de combustível: são incontáveis arquivos transmitidos via modem, para lá e para cá, incansavelmente. A maior parte das empresas clientes hoje dá prioridade a comprar os serviços de fornecedores multilíngües, que têm condições de trabalhar com uma grande quantidade de idiomas-alvo. Esses fornecedores multilíngües são firmas altamente especializadas, tanto nos idiomas para os quais se propõem a traduzir quanto na tecnologia necessária para a localização dos produtos. O maior benefício que as empresas clientes obtêm com isso é a centralização, em um só local, do gerenciamento dos projetos e das atividades técnicas.

Para acompanhar o ritmo acelerado do mercado de tradução/localização, as empresas fornecedoras precisaram transformar seus processos e padronizá-los de forma que atendessem as exigências dos clientes. Muitos desses clientes inclusive exigem hoje a certificação ISO 9000, pois também passaram a trabalhar com padrões de qualidade. A preocupação com qualidade aliada à produtividade máxima com custos limitados é uma constante nos processos de trabalho da área de tradução técnica hoje em dia, pois esse também é o lema da maioria dos clientes. Apesar de as ferramentas de tradução serem uma opção obrigatória das empresas fornecedoras para se conseguir bons resultados, já que auxiliam na padronização da terminologia (e conseqüentemente na qualidade do texto) e também na redução do tempo e do custo das traduções (cerca de 35%), elas são apenas uma parte da receita de bolo em que os projetos de tradução se tornaram (Lavôr, 1999).

Os tradutores, assim como as empresas de tradução, tiveram então que se especializar cada vez mais para sobreviver no mercado, mesmo com toda a demanda de trabalho, já que os conceitos de qualidade total da atualidade começaram a exigir deles, além das habilidades lingüísticas, recursos técnicos e administrativos para que continuassem a trabalhar para os melhores clientes. Segundo a diretora do Núcleo de Integração Cultural (NIC), Maria Clara Forbes, em recente entrevista ao jornal O Estado de São Paulo (2000: Ce 1), estamos em uma época de contratos de trabalho globais, na qual o profissional precisa de aprimoramento e especialização constantes, o que abrange o domínio de diversos tipos de ferramentas de memória, revisão e padronização de tradução. Angela Levy, coordenadora do Departamento de Tradução e Interpretação da Alumni (conceituada instituição de formação e treinamento de tradutores em São Paulo), também entrevistada pelo jornal O Estado de São Paulo na mesma matéria já citada, também

concorda que o mercado atual esteja favorável a esses profissionais especializados, principalmente porque “o empresariado deixou de achar que a secretária poderia fazer a tarefa de um tradutor” (2000: Ce 1). Devido ao crescimento cada vez maior do setor de localização (30% por ano, em média), a demanda por especialistas, tanto linguistas como técnicos, tem realmente aumentado bastante. Nos Estados Unidos, as instituições de ensino e as universidades já oferecem cursos específicos na área de localização, para que os tradutores adquiram mais conhecimentos técnicos e os técnicos aprendam mais sobre línguas (Esselink, 1998:7). É o reconhecimento do potencial desse mercado no meio acadêmico – dos Estados Unidos. No Brasil, esse reconhecimento, pelo menos por parte das universidades, engatinha, já que os assuntos ligados ao mercado de trabalho não são ainda temas prioritários nas instituições de ensino superior brasileiras.

1.3. Normas e padrões como aliados da qualidade em tradução técnica

Conscientes da importância da qualidade para seus produtos e serviços, os setores de localização de software e de tradução técnica passaram a preocupar-se com a criação de normas e padrões que pudessem orientar o crescimento desenfreado do mercado. Assim, diversas entidades foram criadas para tentar organizar e padronizar os processos que envolvem essas atividades. Principalmente porque muita coisa já foi feita de dez anos para cá, não é difícil perceber que o setor de localização e internacionalização de software está muito à frente dos outros setores técnicos que envolvem tradução no que se refere a padrões. O setor de tradução técnica acompanha de perto esse desenvolvimento, principalmente nos Estados Unidos, mas ao mesmo tempo preocupa-se com a falta de padrões para a qualidade em outros setores da tecnologia.

Não é à toa que desde 1990 o setor de localização conta com uma associação mundial de padrões, já que justamente nessa década iniciou-se o seu verdadeiro crescimento, conforme já vimos anteriormente neste capítulo. A LISA (*The Localisation Industry Standards Association*), sediada na Suíça, é a principal organização para o setor de localização e internacionalização. Dela fazem parte associados de várias fatias desse mercado: fabricantes de software e de hardware, fornecedores de serviços de localização e diversas empresas da área de internacionalização (IT). O objetivo da LISA é promover o setor de localização e internacionalização e também criar condições e mecanismos para que as empresas possam trocar informações sobre o desenvolvimento de ferramentas, tecnologias e padrões para a sua área de atuação. Dessa forma, a entidade assegura que os aplicativos de software, multimídia, documentações técnicas e produtos afins multilíngües

sejam fabricados em todo o mundo dentro dos padrões da mais alta qualidade. A LISA promove encontros regulares em diversos locais do mundo, além de oferecer oficinas com treinamentos diversos e discussões em torno da utilização de ferramentas de última geração, como CAT, MT e TM. Os seus associados estão sempre a par das notícias do setor por meio de folhetos informativos e das constantes atualizações no site da Web da LISA. Há grupos especializados em assuntos especiais (SIGs, *Special Interest Groups*) que dão consultoria e trabalham com tópicos técnicos como suporte para Web em várias línguas, padrão de referência (*benchmarking*) de ferramentas e garantia de qualidade (QA, *Quality Assurance*) em localização.

Conforme já vimos, a localização é

o processo de adaptação de um produto (em geral um aplicativo de software ou um componente de hardware) para atender as exigências de um ambiente ou mercado-alvo ('locale') específico quanto ao idioma, à cultura e outros aspectos, que em geral requer o uso de ferramentas de software especiais (LISA [tradução minha], 2000:1).

Sendo assim, a tradução está intrinsecamente ligada à localização, pois para adaptar um aplicativo de software desenvolvido nos EUA ao mercado brasileiro, por exemplo, é necessário traduzir telas, textos da Ajuda, mensagens de erro, toda a documentação do produto. Mas a localização é algo bem maior, pois envolve também o aspecto da programação, que permite a alteração do tamanho dos campos de texto e do formato de data, hora e moeda, entre outros exemplos, de acordo com a cultura do país para o qual o produto está sendo localizado. A programação dessa parte da localização é mais complexa ainda quando a cultura em questão envolve línguas bidirecionais (que são lidas da direita para a esquerda), como o árabe e o hebraico, ou as línguas de conjunto de caracteres de byte duplo (onde cada caractere escrito ocupa dois bytes – 16 bits – de dados em vez de um byte – 8 bits), como o chinês, o japonês e o coreano – trata-se de uma total reprogramação do aplicativo, para que todo o texto e os números localizados apareçam corretamente na tela, organizados da maneira mais confortável e adequada para essas línguas tão diferentes dos idiomas ocidentais. As cores e ícones contidos nos aplicativos também são um aspecto cultural importante, já que devem seguir sempre as normas e as convenções dos países em questão. Se o ícone de um coelho for usado para denotar a rapidez da função que ele representa, provavelmente no Brasil ou nos Estados Unidos esse significado será perfeitamente entendido; porém, em outras culturas, pode significar algo tão negativo como a promiscuidade.

Para garantir que tantos detalhes sejam considerados em todas as etapas da localização dos produtos, a LISA desenvolveu, ao longo desses dez anos, diversos mecanismos para auxiliar a padronização dos processos de desenvolvimento, produção e garantia de qualidade dos produtos de distribuição global. Entre eles, há o modelo para os controles de garantia de qualidade, o QA (*Quality Assurance*). Esse modelo fornece as diretrizes e os procedimentos necessários para que os clientes e os fornecedores implantem um sistema de QA sincronizado em diversas localidades de produção, seguindo os padrões do setor. O modelo de QA da LISA engloba controles para línguas latinas e orientais, assim como estudos de casos e requisitos de determinados clientes. Além disso, o modelo padroniza a gerência de projetos e o seu processo de garantia de qualidade em todas as etapas, para todo tipo de produto comercializado no setor. Há QAs para itens que vão desde a embalagem até a funcionalidade do produto e de sua documentação, *on-line* ou impressa.

Infelizmente, nem todos os setores tecnológicos preocupam-se tanto com as normas e os padrões para garantir a qualidade da localização e da consequente tradução de seus produtos. Muitas empresas ainda não sabem como lidar com os conflitos provenientes da alta demanda de traduções, prazos rígidos e poucos recursos financeiros para realizar a localização do produto. Para essas empresas, ainda falta a consciência do que significa a qualidade e, mais do que isso, há pouca maturidade em relação à importância que a tradução tem para o produto que comercializam. Assim, não é raro que na hora de decidir o que irão priorizar no momento de localizar e traduzir o seu produto, a qualidade fique em desvantagem em relação aos custos e aos prazos. Isso acontece porque há pouca informação nos níveis gerenciais das empresas sobre o que é o processo de tradução e o que é uma tradução de qualidade. Não é raro encontrar, até mesmo em grandes empresas multinacionais, profissionais de Marketing que pensam, por exemplo, que poderão aproveitar para o lançamento de seu mais novo produto no Brasil aquela tradução feita pela afiliada de Portugal. O que esse gerente talvez não saiba é que essa escolha pode afetar a imagem de sua empresa, já que traduções como a de *keystroke*, que aqui no Brasil chamamos de *toque* (no teclado), podem ser constrangedoras para os leitores brasileiros (em Portugal, *keystroke* é *dedada*). A experiência desagradável que esse profissional terá ao ouvir as críticas de seus clientes fará com que ele mude de idéia no lançamento de um próximo produto. Isso se, por sorte, sua empresa não for presenteadada com uma ação judicial com base no Código de Defesa do Consumidor. As leis têm que ser respeitadas e essa diz que os produtos têm que ser comercializados com instruções em português – do

Brasil. Para obter mais detalhes sobre as diferenças entre o português europeu e o português brasileiro e também sobre o Código de Defesa do Consumidor, consulte os *Anexos*, ao final desta monografia.

Como há falta de conhecimento e informação sobre o assunto, em muitos casos não há um sistema implantado para garantir a qualidade das traduções; o que se vê então são itens de um mesmo produto traduzidos individualmente, sem que haja conexão entre os projetos, e a mentalidade de que a tradução é um mal necessário, mas caro. Em determinadas empresas há executivos que até sabem da importância da qualidade, mas não conseguem vender a idéia aos seus superiores, o que inviabiliza qualquer investimento nessa área (a introdução da tradução no processo de desenvolvimento dos produtos, a implantação de um sistema de controle de qualidade, o uso de ferramentas tecnológicas de apoio à tradução, entre outros). Mesmo nas empresas que possuem alguma maturidade em relação à tradução de qualidade, o que tem ocorrido atualmente é que a redução do *time-to-market*, o tempo até que o produto fique disponível para as vendas, passou a ser a prioridade na estratégia das organizações de liderança do mercado, competitivas ao extremo. Essa prioridade ganha uma importância ainda maior se considerarmos que empresas como Microsoft, Autodesk, Compaq e Hewlett-Packard lidam com 5 a 40 mercados internacionais e geram a maior parte de sua receita fora dos Estados Unidos (Shapiro, 1998:1). A tecnologia dos produtos que essas empresas comercializam têm vida útil muito pequena, pois a todo momento surge uma inovação que pode significar um ponto a mais em relação à concorrência. A rapidez com que os produtos são considerados obsoletos para comercialização é impressionante e é ela que faz a noção de qualidade das traduções técnicas ser distorcida. Para algumas empresas, a meta de qualidade 100% não é levada em conta, pois é considerada uma utopia cara demais. Como tudo muda muito rápido e os produtos vão rapidamente sendo substituídos por versões mais atualizadas ou por modelos mais incrementados, a qualidade 70% é satisfatória e mais adequada à velocidade do mercado, ao mesmo tempo que se encaixa perfeitamente nos quesitos baixo custo e prazos limitados.

Preocupados com a questão dos padrões para a tradução, principalmente devido à crescente demanda desse tipo de serviço nos anos 90 aliada à desinformação de alguns clientes, um grupo de representantes da classe de tradutores nos Estados Unidos reuniu-se em junho de 1998 para iniciar um diálogo sobre a determinação de padrões nacionais para a tradução. A reunião foi convocada pelo Centro Nacional de Idiomas Estrangeiros, o NFLC (*National Foreign Language Center*), e pela Associação de Tradutores Americanos,

a ATA (*American Translators Association*). A intenção inicial dessas duas instituições era motivar a classe a desenvolver padrões que protegessem e educassem o consumidor das traduções, ou seja, os clientes – em especial aqueles que não têm consciência da importância das traduções para o seu negócio. Além disso, tal iniciativa seguia uma tendência mundial, já que outros países estavam fazendo o mesmo: a Alemanha, por exemplo, que também em 1998 estabeleceu padrões para as traduções em seu país (DIN 2345). Os padrões começaram então a ser desenvolvidos sob a orientação da Sociedade Americana de Testes e Materiais, a ASTM (*American Society for Testing and Materials*), uma instituição que se dedica desde 1898 a desenvolver e publicar padrões voluntários e unânimes em suas respectivas classes, para materiais, produtos, sistemas e serviços, bastante respeitada em seu país e possuidora de grande experiência no setor lingüístico.

A subcomissão F15.48 da ASTM para a Tradução de Idiomas, formada por representantes de agências de tradução, instituições do governo, associações profissionais, empresas privadas (os clientes) e até da força de trabalho autônoma, entre outros, foi estabelecida em setembro de 1998 e vem promovendo desde então reuniões periódicas para desenvolver um guia que, além de estabelecer padrões em conformidade com os padrões mundiais, auxilie os clientes de traduções a se assegurarem de que receberão um serviço de qualidade, mesmo que não sejam especialistas em tradução ou peritos na língua de chegada. As pesquisas da subcomissão analisaram os poucos padrões mundiais já existentes na área e definiram que o guia deveria apontar os fatores relevantes para a qualidade dos serviços de tradução em cada estágio dos projetos, com base em um sistema em que todas as partes envolvidas no projeto de tradução definissem as especificações necessárias para se chegar à qualidade – os solicitantes, as agências, os tradutores autônomos e outros. Assim, três componentes básicos foram definidos para os serviços de tradução: especificações de projeto, processo de tradução e controle de qualidade.

Com o estabelecimento de normas e padrões para a qualidade em traduções, os Estados Unidos estarão pouco a pouco “profissionalizando” o setor, que cresce dia após dia dentro da realidade globalizada atual. Sem dúvida alguma, a credibilidade dos profissionais de tradução daquele país já aumentou bastante só com a iniciativa de criar tais padrões. Depois de estabelecidos, esses padrões ajudarão os clientes a compreenderem melhor o papel da tradução e assim poderem interagir de forma adequada com os fornecedores. Dessa forma, os consumidores desse serviço estarão protegidos, pois terão a garantia de que adquirirão traduções de qualidade, e os fornecedores e tradutores poderão trabalhar dentro de processos que garantam a qualidade de seu serviço, o que valorizará ainda mais a

profissão. A mentalidade de que a tradução está integrada ao desenvolvimento dos produtos e por isso também deve passar pelos mesmos processos de qualidade já existentes está promovendo, pelo menos em alguns países, a definição do perfil do setor de tradução e a valorização da profissão.

Capítulo Dois:

Os processos da tradução de qualidade e o tradutor

2.1. Os projetos de tradução e o gerenciamento padrão do mercado

As empresas que trabalham estruturadas na administração moderna entendem que os seus projetos precisam ser gerenciados da melhor maneira possível; caso contrário, certamente haverá prejuízo. Os projetos bem gerenciados podem proporcionar o aumento da satisfação do cliente e dos empregados, a redução do *time-to-market*, vantagens sobre a concorrência, o corte de custos, o aumento de receita e de lucros, facilidades a todas as pessoas que tenham alguma ligação com a empresa. Com tantas vantagens assim, essas empresas não abrem mão de que seus parceiros também trabalhem da mesma forma. Por conseguinte, ao contratarem um serviço de tradução, as empresas clientes procurarão fornecedores organizados, que gerenciem os projetos do início ao fim, em todos os detalhes. O gerenciamento estruturado fornece as condições necessárias e suficientes para o planejamento e a execução de um projeto com êxito. Dessa estrutura precisam fazer parte as etapas de planejamento (e análise) e as etapas de execução (e acompanhamento) do plano. O gerente de projetos em geral é uma pessoa que possui experiência na área de tradução e conhece bem todos os processos. Suas responsabilidades são, na maioria dos casos, as seguintes: coordenação geral do projeto, elaboração e acompanhamento do cronograma, contato com o cliente, controle dos orçamentos, gerenciamento de recursos, monitoração do escopo real do projeto (que quase sempre é alterada pelo próprio cliente durante o andamento das etapas do projeto).

O fluxo de trabalho de um projeto de localização comum engloba: análise do material recebido, cronograma e orçamento, tradução de um glossário inicial ou levantamento terminológico, preparação do material a ser localizado, tradução do software, tradução da Ajuda e da documentação, processamento de atualizações, testes do software, testes da Ajuda e editoração eletrônica da documentação, QA (*Quality Assurance*) do produto e entrega, e avaliação geral do projeto. Assim, as etapas do planejamento precisam envolver uma intensa comunicação entre o cliente e o fornecedor, tendo em vista definir da maneira mais clara possível o projeto de tradução, considerando todos os detalhes do trabalho, inclusive as etapas lingüísticas, técnicas e administrativas, assim como seus custos. Dependendo do produto a ser localizado, a estimativa de custos será estruturada em

itens como a própria gerência de projetos (10 a 15% do custo total), a documentação técnica, que abrange tradução, revisão com cotejo (ou *copyediting*), revisão final (ou *proofreading*), elaboração de glossários, pesquisa terminológica, editoração eletrônica (ou DTP), QA (todos cobrados por palavra ou por hora), e a localização de software/Ajuda on-line, que envolvem todas as etapas da documentação e mais as atividades específicas como capturas de tela, compilação/testes da Ajuda, redimensionamento de caixas de diálogo, testes da Interface com o usuário, entre outras (cobradas por hora, em sua maioria) (Lingo Systems, 1999:6-7). Além disso, caso haja aproveitamento de memórias de tradução, à parte do custo com a administração da memória (cobrado por hora) haverá custos com *matches* (índices de coincidência) parciais, já que esses via de regra precisam de revisão com cotejo, e com *no matches* (ausência de índices de coincidência), que são os trechos que precisam de tradução. Considerando que a tradução é na maior parte das vezes contabilizada por palavras, é interessante que o cliente analise os textos que deseja traduzir: quanto mais elaborado o estilo dos documentos originais, mais palavras ele conterá, o que invariavelmente torna caras as traduções. A padronização da redação técnica é um dos itens que mais permitem o controle dos custos com tradução, já que possibilitam a monitoração da contagem de palavras dos documentos e proporcionam condições ideais para o uso de ferramentas de tradução, como as memórias e os tradutores automáticos, capazes de detectar segmentos idênticos ou parecidos e automaticamente traduzi-los, com base em um banco de dados já validado e aprovado. Por fim, é preciso considerar eventuais custos com alterações de última hora, já que as traduções geralmente correm concomitantemente com o desenvolvimento dos produtos, passíveis de pequenos ajustes técnicos durante o processo.

Além do aspecto das atividades que incorrerão em custos, o cliente precisa também saber o que é esperado dele durante o processo de localização e tradução, ou seja, qual é o seu papel na garantia da qualidade do trabalho. Afinal, para que haja qualidade em uma tradução o detentor da tecnologia também precisa participar. É necessário que a empresa cliente forneça informações sobre o produto a ser traduzido e também materiais de apoio, em geral documentos traduzidos anteriormente sobre o mesmo assunto, que sirvam como base terminológica e estilística para a tradução. Se o documento tiver como base um software traduzido, o fornecedor precisará consultar essa tradução para manter a mesma terminologia no documento. O cliente precisará também destacar determinados indivíduos de sua organização para servirem de contato com o fornecedor de tradução (para o aspecto administrativo do contrato) e para fornecerem apoio técnico, tanto durante a definição

terminológica nos glossários como também para as revisões/validações técnicas do trabalho, que inclusive entram no cronograma dos projetos.

Contudo, por trás do gerenciamento dos projetos, é necessário haver uma organização muito maior: o gerenciamento de processos, que é justamente a adequação dos processos de trabalho, de acordo com os preceitos de qualidade total, às necessidades do cliente. Sem esse gerenciamento, a qualidade do produto final é afetada, o que pode prejudicar tanto a reputação do cliente quanto a do fornecedor nos respectivos mercados em que atuam. O gerenciamento de processos é o caminho para que o conflito entre as prioridades do mercado e a qualidade seja amenizado. Em um setor no qual o cliente precisa reduzir o seu *time-to-market* para sobreviver à concorrência, mas ao mesmo tempo não pode comercializar os seus produtos sem serviços de tradução de alta qualidade (o que normalmente requer tempo), a melhor saída reside em processos automatizados, bem planejados e controlados. Dessa maneira, os projetos são inseridos em um contexto pró-ativo, no qual todas as etapas do processo são previstas, inclusive os imprevistos. Todos os pontos do processo com probabilidade de erro são mapeados, a fim de que haja uma previsão e um controle de qualidade que corrijam eventuais falhas, a tempo de não prejudicar os cronogramas. Padrões, sistemas e procedimentos auxiliam na redução do tempo da tradução e também garantem a qualidade do serviço, desde a organização de arquivos, passando pelos controles lingüísticos e testes do produto, até a entrega final do trabalho. Essa é uma visão holística da tradução/localização que busca otimizar as etapas envolvidas no processo tendo como base a idéia de que os projetos não podem ser considerados individualmente, mas sim como partes de um todo. A padronização e a organização dessas etapas, que devem incluir toda a parte lingüística, técnica e gerencial, são fatores decisivos para que o trabalho corra de maneira uniforme e controlada. E ainda, para que o gerenciamento de processos funcione, o fornecedor precisa ter, em parceria com o seu cliente, uma clara visão de todo o projeto. A comunicação entre as partes é a chave da parceria necessária para que se atinja a qualidade. Essa comunicação deve continuar, portanto, mesmo depois do término de um projeto, para que todas as ações tomadas durante o processo sejam avaliadas, já que o aprimoramento contínuo do negócio é o que caracteriza a administração de qualidade, pois permite que a qualidade seja uma consequência do processo consciente.

2.2. A qualidade lingüística em traduções técnicas

Conforme vimos no primeiro capítulo desta monografia, a qualidade é algo tão subjetivo que sua conceituação variará de acordo com a percepção de cada um. Assim, a qualidade de uma tradução, antes de tudo, dependerá das exigências do cliente.

A qualidade é sempre, inerentemente, uma função dos objetivos de seus clientes, o que, por sua vez, é em geral uma função do público-alvo e da finalidade da tradução. Isso justifica por que a tradução de alta qualidade sempre depende tanto do contexto. Na verdade, quase sempre é impossível atingir uma tradução que realmente apresente alta qualidade sem que se saiba o contexto no qual será utilizada, os objetivos que o cliente deseja atingir com ela e o seu público-alvo. (Feron [tradução minha], 2000)

Se considerarmos que as três bases da tradução acima citadas – contexto, objetivo e público-alvo – são conhecidas, podemos então dizer que há 50% de chances de se atingir a qualidade. Porém, há outros aspectos a serem considerados para que o texto apresentado na tradução tenha qualidade aceitável.

A qualidade do texto técnico traduzido depende de diversos fatores, dentre eles a precisão gramatical e ortográfica e também a padronização terminológica. Porém, antes de considerarmos a qualidade do texto produzido na língua de chegada, precisamos fazer algumas observações acerca do texto original. Conforme já vimos, é essencial que haja o comprometimento das empresas clientes com a qualidade das traduções que eles mesmos solicitam. Tal compromisso precisa estar em todos os detalhes, desde o início dos projetos de tradução; ou melhor, antes mesmo de eles serem iniciados. Estamos falando da criação dos textos: a redação técnica. Se a empresa cliente não padronizar a linguagem dos seus documentos originais, mantendo-a fiel a um estilo específico – de preferência neutro e direcionado a um público global, sem o uso de regionalismos – e uniforme em relação à terminologia utilizada, as traduções desses documentos, além de caras (como citado na seção anterior, “Os projetos de tradução e o gerenciamento padrão do mercado”), não serão boas. Isso acontecerá não por incompetência de quem tiver traduzido esses documentos, mas sim devido à ausência de padronização nos textos. A Xerox, por exemplo, é uma empresa que desde a década de 70 se preocupa com a padronização de seus textos originais em inglês. Já nessa época, o processo de tradução deles começava muito antes da transferência do texto para uma língua estrangeira. Os textos em inglês destinados à tradução eram escritos em inglês padronizado multinacional, o MCE (*Multinational Customized English*). O MCE era então uma forma de controlar a escrita em inglês, com o objetivo de facilitar a tradução automática. A Xerox utilizava o Systran, um sistema de

tradução por computador comercializado na época pela Systran Translation Systems Inc. de La Jolla, Califórnia. Os redatores do MCE, ao introduzir um termo novo nas publicações técnicas da empresa, precisavam registrá-lo no Dicionário dos Redatores do MCE e nos Dicionários de Múltiplas Línguas do Systran. Esses redatores técnicos também trabalhavam em conjunto com lingüistas para que juntos fossem estabelecendo aos poucos o melhor estilo, de preferência o mais neutro, para que o sistema continuasse a ser uma ferramenta útil para os tradutores e revisores técnicos dos países aos quais eram endereçadas as traduções. Dessa forma, estavam garantidas a coerência terminológica e a uniformidade estilística dos textos traduzidos na empresa.

Apesar de a atenção à redação técnica ser essencial para garantir a qualidade das traduções, há meios de se atingir a qualidade lingüística independente da padronização dos textos originais, ou seja, com a normatização do processo lingüístico do projeto de tradução. Nos processos de tradução técnica, o guia de estilo, o glossário e a lista terminológica são ferramentas decisivas para que o texto traduzido apresente um estilo constante e adequado, além de uma terminologia técnica coerente e uniforme em todos os itens traduzidos para o produto em questão (p. ex., desde a interface do software até a sua documentação). Sem dúvida, essas etapas irão significar mais tempo na fase inicial da produção do projeto, mas os benefícios que elas trazem no que se refere à qualidade e economia de tempo durante a etapa de tradução propriamente dita são incontestáveis. Além dos benefícios óbvios para o produto, que terá uma tradução totalmente padronizada em todos os seus componentes, as ferramentas que estamos apresentando aqui oferecem uma garantia de que o mesmo padrão possa ser usado para as versões seguintes do mesmo produto, já que podem ser aproveitadas nesses futuros projetos.

O guia de estilo é um conjunto de diretrizes de padronização da redação na língua de chegada que devem ser seguidas durante o processo de tradução para que os textos apresentem um estilo uniforme, como se uma só pessoa tivesse redigido todos os textos de todos os itens do produto. Isso é muito importante nos projetos muito grandes, já que deles participam um grande número de tradutores, cada qual com o seu estilo próprio de redação e suas preferências terminológicas. Os guias de estilo podem ser fornecidos pelo próprio cliente, o que é mais raro, ou podem ser desenvolvidos por lingüistas destacados pelo fornecedor da tradução em conjunto com representantes do cliente, normalmente especialistas residentes no país do idioma para o qual o produto será traduzido, que ajudam a validar informações específicas da empresa nesse país e também auxiliam na adequação das traduções em relação aos padrões e convenções locais. Os guias de estilo ditam

convenções estilísticas, gramaticais e gerais. No âmbito estilístico, eles determinam o registro do texto (formal, informal etc.), as melhores construções a serem usadas na língua de chegada como traduções de trechos recorrentes nos textos do original (p. ex., o uso de construções positivas em português como traduções de frases negativas em inglês, para simplificar a tradução, como em *Do not insert the power cable before checking that the switch is in OFF position*, cuja tradução recomendada é *Certifique-se que o interruptor esteja na posição de desligado antes de inserir o cabo de alimentação*, e não a literal, que copia a estrutura do inglês), soluções para repetições comuns em textos técnicos (p. ex., o uso excessivo do pronome *você* e de possessivos (seu, sua etc.), comuns nos textos em inglês e frequentemente traduzidos literalmente para o português), entre outros. Para gramática, em geral os guias concentram-se em regras de pontuação, concordância, pronomes (principalmente os demonstrativos) e diversos itens que geram erros, como o uso de *por que* e suas variantes. Na parte de convenções gerais, os guias apontam termos especiais que não devem ser traduzidos e outros cuja tradução já está consagrada para o público-alvo, determinam normas para itens como maiúsculas e minúsculas, abreviações, formatos de numerais, entre outros, e padroniza o estilo de títulos e subtítulos, assim como a conversão de medidas. Alguns guias também trazem seções que apresentam os erros mais comuns nas traduções da área técnica específica, juntamente com soluções para esses problemas e sugestões de bibliografia de referência (dicionários, gramáticas e outros manuais de estilo).

Os glossários e as listas terminológicas são ferramentas específicas de cada projeto, cliente, produto ou assunto que orientam os tradutores a determinarem a tradução de termos-chave do trabalho. Essas ferramentas garantem a repetição uniforme de termos gerais (jargão do setor, palavras-chave, frases que se repetem, nomes de documentos relacionados ao produto) e de termos específicos (interface de sistemas operacionais, como o Windows, ou de aplicativos como Corel Draw!, ou mesmo do produto em questão) em todo o material traduzido no projeto, além de determinar alguns padrões específicos do trabalho, como abreviações, nomes de produtos, termos não traduzidos, entre outros. Pode-se gerar glossários tendo como base trabalhos já feitos (levantamento terminológico) ou pode-se estabelecê-los ao longo do processo de tradução e revisão. Hoje em dia, já há ferramentas para automatizar a geração de glossários de referência; por exemplo, em projetos de localização, quando todos os arquivos da interface do usuário (arquivos do software) já estão traduzidos e revisados, gera-se um glossário da interface para servir de referência na tradução da documentação. As ferramentas mais comuns para se criar

glossários de software são o Amptan da SDL (www.sdlintl.com), e o Catalyst da Corel (www.catalyst.corel.ie) (Esselink, 1998:279-280). Os glossários e as listas terminológicas devem sempre ter a validação do cliente, para que os termos escolhidos sejam adequados aos padrões da empresa e do país no qual o produto traduzido será comercializado. Em geral, para projetos grandes, tais ferramentas são gerenciadas por um tradutor líder, que representa um ponto focal para todos os tradutores envolvidos no projeto em questão. Essa pessoa faz as atualizações periódicas de acordo com a validação do cliente e as envia aos tradutores sempre que necessário. No final de cada projeto, o líder faz o fechamento terminológico do glossário e da lista, que servirão como base para a tradução de uma provável versão atualizada do produto traduzido.

As ferramentas de automação da tradução são excelentes aliadas da qualidade lingüística em traduções técnicas, já que possibilitam traduções uniformes tanto no aspecto terminológico quanto no aspecto das repetições de frases inteiras, o que não é raro em tradução técnica. Existem três principais categorias de ferramentas de auxílio e automação de tradução: os gerenciadores terminológicos, os software de tradução automática (MT, *Machine Translation*) e as ferramentas de tradução assistidas por computador (CAT, *Computer-Assisted Translation Tools*).

Os gerenciadores terminológicos armazenam a terminologia na língua de partida e na língua de chegada e vão inserindo esses termos no banco de dados específico durante o trabalho do tradutor. Sua função é de um dicionário on-line. Hoje em dia há várias opções, entre elas o Trados MultiTerm (www.trados.com), Atril TermWatch (www.atril.com), STAR TermStar (www.star-ag.ch), etc.

Os software de tradução automática, MT, têm como base uma análise lingüística computacional avançada que lhes permite traduzir textos inteiros, porém, com restrições. Uma delas é o próprio texto original, que não pode conter erros ortográficos, gramaticais ou de digitação, caso contrário, o software não reconhecerá o texto e não o traduzirá, ou pior do que isso, entenderá errado e traduzirá da maneira mais estranha do mundo. É assim que pérolas como “bruxa do S” (*witch*, ou melhor, *Switch*), “galinha do W” (*When*, ou melhor, *When*) e “carneiro castrado” (*wether*, ou melhor, *whether*) podem ser obtidas com o Systran (www.systransoft.com), um dos programas de MT mais conhecidos, em textos mal-digitados (TRANSNEWS, 1996:29). Outra desvantagem é ter que atualizar com bastante frequência os bancos de dados desses softwares com nova terminologia, pois, como não têm a capacidade de interpretar todas as combinações de palavras, sem as informações adequadas e específicas de um determinado contexto podem produzir frases

totalmente sem sentido. Por exemplo, “Win 95 Plug and Play standards” acaba virando “Ganhe 95 padrões do plugue e do jogo” (ibidem). Apesar dessas restrições, as ferramentas MT são usadas com sucesso por tradutores experientes, que sabem como burlar esses problemas do software e assim tiram proveito do seu auxílio, principalmente quando trabalham com clientes específicos, com textos repetitivos. Além do Systran, outro bem conhecido é o software Globalink Power Translator (www.globalink.com).

Já as ferramentas de tradução assistidas por computador, CAT, são as mais procuradas no momento, pois oferecem uma maneira eficiente de acelerar o trabalho de tradução e a qualidade do texto traduzido. As mais usadas no mercado são o Translator's Workbench da Trados (www.trados.com), o TranslationManager da IBM (www.software.ibm.com/ad/translat), o Déjà Vu da Atril (www.atril.com) e, mais recentemente, o Transit da STAR (www.star-ag.ch) (Esselink, 1998:136-151). Nessas ferramentas há a combinação ideal de um gerenciador terminológico e uma memória de tradução. A memória armazena todas as frases traduzidas e as repete nos trechos em que a combinação de palavras do original for igual ou semelhante. O tradutor pode aceitar a tradução anterior ou modificá-la, conforme necessário e tem o conforto de consultar o banco de dados terminológico ao longo da tradução na mesma ferramenta de trabalho. Além de auxiliar a tradução que parte do zero, as CATs podem gerar memórias de tradução a partir de traduções já prontas; basta ter o original mais a tradução para alinhar os segmentos frasais e construir a memória. Assim, pode-se aproveitar traduções antigas para obter maior produtividade em trabalhos de tradução novos, mas semelhantes aos anteriores. Esse tipo de automação auxilia na uniformidade terminológica e frasal não só de projetos individuais, mas de toda a terminologia específica do cliente, além de acelerar o processo de tradução. Mas ainda assim, não torna o trabalho de revisão e controle de qualidade dispensável.

Para que se atinja uma tradução com a mais alta qualidade possível, deve-se estruturar o processo de tradução em três etapas: tradução, revisão com cotejo (*copyediting*) e revisão final (*proofreading*). A primeira impressão (principalmente a do cliente) é de que esse processo é um exagero; na verdade, essas três etapas mostram que trabalhar com idiomas e com tradução é algo complexo e, se a qualidade realmente importa, elas são mesmo necessárias. Na tradução, a ordem básica para o tradutor é atenção às normas do projeto e aos materiais de referência (manuais de estilo, glossários, listas terminológicas etc.), muita pesquisa para os termos novos e muita comunicação com o tradutor líder ou com o responsável pela terminologia do cliente. O tradutor precisa reler

a sua tradução por parágrafos, para verificar o estilo e evitar problemas de saltos (entre outros), e, ao final de cada arquivo, deve usar um corretor ortográfico/gramatical. A maior parte dos editores de texto já vêm com corretores que permitem a criação de vários dicionários diferentes para cada tipo de tradução, mas já se pode adquirir corretores em separado. Um exemplo é o Redação Língua Portuguesa, da Itaotec. Além disso, a tradução é verificada quanto à qualidade, por amostras de cerca de 20% do trabalho de cada tradutor, para que sua evolução seja acompanhada e os problemas sejam sanados logo nos primeiros lotes de arquivos, o que permite assegurar a qualidade do texto controlada nos últimos arquivos, satisfatoriamente. A prática da verificação e controle de qualidade (QA) durante a tradução é essencial, já que nem sempre a etapa de revisão tem condições de cobrir e solucionar todas as falhas de tradução. Para obter detalhes sobre o conteúdo dos formulários de controle de qualidade mais usados no mercado, consulte a seção de *Anexos* desta monografia. A função do revisor é comparar o material traduzido com o texto original, ou seja, fazer a etapa do cotejo. Essa etapa normalmente corrige problemas de tradução, como saltos e decodificações erradas, pequenos erros gramaticais e estilísticos que ainda restarem no material e também verifica as referências cruzadas, os índices, títulos e subtítulos, além da inserção de todas as alterações propostas durante o processo de tradução. O revisor final é aquele que lê a tradução sem compará-la com o original a fim de verificar a clareza do texto e o estilo, além de fazer todas as verificações que um revisor comum faz, mas sem realizar o cotejo. Infelizmente nem todas as agências planejam as três etapas devido às limitações dos cronogramas, que refletem a pressa dos clientes. Para compensar, muitos fornecedores de tradução incorporam a etapa de revisão final nos QAs ou então se limitam a revisar amostras do projeto.

2.3. O tradutor profissional e a questão da tradução vs. integridade da língua

Vimos até agora neste capítulo o que é necessário levar em conta para que um projeto de tradução técnica tenha qualidade, desde o seu planejamento até o produto final, a tradução propriamente dita. Porém, ainda não falamos em detalhes sobre a real importância do personagem principal dessa história: o tradutor. Afinal, que atributos deve ter um tradutor para ser considerado profissional dentro do mercado técnico, já que a profissão nem é regulamentada aqui no Brasil? Já mencionamos no capítulo anterior que no mercado a demanda de tradutores especializados tem aumentado cada vez mais. Na verdade, o mercado de traduções técnicas não reserva espaço para quem acredita que ser bilíngüe é o bastante para ser um tradutor. A tradução é um processo mental complexo no

qual o amplo domínio e o conhecimento profundo da estrutura das línguas é mais importante do que ser um falante nativo nos dois idiomas; afinal, o ofício do tradutor o força a fazer escolhas lingüísticas a todo instante. Entretanto, além desse conhecimento, o tradutor precisa ter outras habilidades para ser aceito no mercado de trabalho atual.

As maiores agências internacionais traçam o perfil do tradutor ideal como um indivíduo com nível superior, de preferência com bacharelado na área de Letras ou na área técnica (Informática, Engenharia, Física, Matemática etc.), que já tenha alguns anos de experiência em tradução, especialmente no campo de atuação dos clientes dessas agências, e também seja membro de alguma associação de tradutores respeitada no meio. Esse tradutor precisa ser falante nativo da língua para a qual fará as traduções, ou então tem de possuir uma experiência excepcional com o idioma, a ponto de estar habilitado a produzir traduções de alta qualidade. Além disso, é necessário ter excelente domínio gramatical da língua de chegada, consciência das diferenças culturais e das sutilezas entre os pares de idiomas, domínio completo da língua de partida (quase nativo) e estar atualizado quanto aos processos de tradução em voga e às novas tecnologias e novos recursos do setor.

O tradutor iniciante provavelmente ficará desanimado com esse quadro, principalmente porque o caminho até essa condição, que permite o status de “profissional”, é bastante árduo e não termina nunca. Trabalhar com língua, linguagem e comunicação significa aprender a cada dia, já que os idiomas estão em constante evolução e a tecnologia não pára de oferecer novas ferramentas de trabalho na área de tradução. Outra dificuldade do iniciante é com a necessidade de conhecer profundamente as línguas com as quais trabalhará e suas diferenças culturais. Como já foi dito aqui, não basta ser bilíngüe para ser tradutor. O sistema de ensino básico brasileiro atual forma indivíduos com conhecimentos extremamente superficiais. Isso afeta demais a cultura geral dos estudantes que chegam às universidades, que por sua vez são instituições que definitivamente não preparam o aluno para a realidade do mercado de trabalho, pois dão ênfase ao aspecto teórico e acadêmico da profissão. A formação universitária em idiomas e em tradução é especialmente preocupante, pois não é raro encontrar alunos de cursos de Letras Inglês-Português com pouco conhecimento de inglês, uma vez que nos vestibulares não há provas de habilitação específica no idioma estrangeiro, e até mesmo de português. Os cursos de graduação que formam tradutores detêm-se em práticas intensivas de tradução técnica e literária e em teoria de tradução, mas não oferecem matérias que auxiliem os aspirantes a tradutores a atenderem às exigências do mercado de tradução, como técnicas de trabalho ou métodos de garantia de qualidade em traduções. Fatores que agravam esse quadro são a carência de

estágios e empregos nessa área, mesmo os temporários, que normalmente ajudam a formar o perfil profissional dos iniciantes, e também a falta de cursos e eventos que apresentem os recursos modernos do mercado aos tradutores e ofereçam oportunidades de especialização e até mesmo de contatos de trabalho a esses futuros tradutores (a maior parte desses cursos concentra-se no eixo Rio-São Paulo e mesmo assim são limitados).

Não é exagero traçar um perfil de tradutor como o descrito aqui. A atividade tradutória é realmente muito complexa. Se o tradutor não estiver bem preparado, cairá em todas as armadilhas de ambas as línguas, cometerá erros comuns, atentar-se contra a integridade do idioma de chegada, não terá condições de discutir com os clientes as bases terminológicas e lingüísticas de cada trabalho, e, por fim, não perceberá os problemas do próprio original. Sem as qualificações necessárias, nenhuma das ferramentas oferecidas pelo mercado (glossários, manuais de estilo, memórias de tradução, entre outras) será usada pelo tradutor adequadamente, já que elas próprias com freqüência apresentam erros. Nem todos os clientes, como já vimos neste capítulo, preocupam-se em padronizar os textos da língua de partida para que fiquem adequados para tradução. Assim, o tradutor tem de estar preparado para encontrar uma variedade de estilos que podem dificultar bastante o seu trabalho. O comico americano George Carlin relacionou em seu livro “*Brain Droppings*” alguns termos em inglês cuja tradução quase sempre pode ser feita de forma mais simples e declarou: “Atualmente há a tendência de se complicar a linguagem com a adição de palavras desnecessárias” (Carlin [tradução minha], 1997). Alguns exemplos dessa lista: *knowledge base*, *risk factor*, *emergency situation*, *confidence level*, *planning process*, entre outros. Realmente, nos textos técnicos originais em inglês é comum encontrarmos esse tipo de vocabulário desnecessário; cabe a nós, tradutores, eliminar o que está sobrando para garantir um texto claro e enxuto em português. Há quem diga que o texto tem que ser fiel ao original, mas o perigo é confundir tradução fiel com tradução literal. Paulo Vizioli respondeu, quando perguntado sobre o que seria a fidelidade na tradução em uma entrevista de 1988:

A fidelidade se coloca principalmente nas traduções técnicas. É preciso respeitar muito de perto o sentido das palavras. (...) Acho também que não existe tradução livre, toda tradução está presa a algum padrão. O que se chama de tradução literal seria a tradução que se prende muito ao padrão do sentido das palavras (...).(Arrojo, 1988: IN *Trabalhos em Lingüística Aplicada*)

Se o tradutor traduzisse literalmente esses termos, obedecendo o sentido exato de cada palavra, o texto ficaria pesado e complicado de se ler. Em casos como esses, a fidelidade

do tradutor deve respeitar em primeiro lugar o idioma de chegada. Traduções literais como “base de conhecimento”, “fator de risco”, “situação de emergência”, “nível de confiança” e “processo de planejamento” (traduções dos termos acima, citados no livro de George Carlin) não soam naturais em português e acabam impregnando o vocabulário do jargão técnico com neologismos. Afinal, as línguas devem evoluir, mesmo com a influência de outros idiomas, mas nunca retroceder, tomando emprestado estruturas que não combinam com a sua própria.

Os problemas sintáticos e estruturais na tradução técnica ocorrem principalmente em relação à posição do sujeito na frase inglesa (uso da voz passiva), ao uso do gerúndio no inglês, à diferença entre a regência de verbos ingleses e a de verbos portugueses, à diferença das preposições inglesas e portuguesas, ao uso de palavras com plural e singular genéricos, entre outros. Há também os problemas de decodificação causados principalmente pelos falsos cognatos. Na seção de *Anexos* desta monografia há alguns exemplos desses problemas, reunidos por mim durante o ano de 1999 em trabalhos de revisão de traduções técnicas.

A estrangeiração é um fantasma que persegue o tradutor técnico. Não temos aqui no Brasil uma instituição que controle a introdução de novos termos técnicos oriundos de tecnologias estrangeiras. Dessa forma, tal controle depende única e exclusivamente dos tradutores. Se esses profissionais não forem conscientes o bastante para debater com seus clientes a terminologia de cada produto traduzido, tentando chegar a traduções coerentes e evitando o uso abusivo de termos e estruturas emprestadas da língua estrangeira, o português do dia-a-dia das empresas (e de nossos lares) piorará ainda mais. A disseminação dos programas de tradução automática, principalmente na Internet, pode não substituir os tradutores que atendem àquele perfil das agências internacionais (para esses, tais programas não passam de ferramentas de trabalho), mas pode perfeitamente substituir tradutores que se deixam corromper pela influência da língua estrangeira (na seção de *Anexos* deste trabalho, veja um exemplo da funcionalidade desses produtos no artigo “O português da Internet”). Os tradutores precisam aperfeiçoar-se para não ficarem sem emprego. Mas o aperfeiçoamento não precisa necessariamente ser feito dentro da sala de aula; é possível aprimorar-se pela experiência e pela pesquisa. A tradução literal é fruto da preguiça de cada um de nós e também da pressa que o mercado de trabalho nos impõe. Além do mais, a tradução literal nega o objetivo central de todas as traduções do mundo: a comunicação.

Conclusão

“Qualidade é algo que um produto tem ou não tem”, disse uma vez Soichiro Honda, do alto de sua experiência como empresário bem-sucedido e seguidor dos preceitos do sistema da Qualidade Total. No início deste trabalho, vimos que o conceito de qualidade pode-se resumir no que se espera de um produto e que a melhor maneira de se fazer isso é igualar itens, ou seja, padronizar. A economia mundial gira em torno de relações comerciais que lançam mão desses sistemas de padronização para garantir a qualidade dos produtos e serviços. No mundo globalizado, não podia ser diferente para o mercado de traduções técnicas, que cresce paralelamente ao desenvolvimento tecnológico da atualidade. O mercado de tradução técnica já formou até hoje diversas instituições mundiais de padronização em busca da qualidade de seus serviços, como a LISA, e exige a padronização em todas as etapas de trabalho, da estruturação do projeto à entrega da tradução, sempre tendo em vista a satisfação do cliente e a especialização cada vez maior desses serviços, o que, de certa forma, contribui para a profissionalização igualmente progressiva dos tradutores técnicos.

Ao longo deste trabalho, vimos que, apesar de atualmente existirem diversos meios de se garantir a qualidade em tradução técnica, desde métodos de trabalho até ferramentas poderosíssimas que aumentam a produtividade do tradutor e automatizam repetições de termos, esse fato não garante o desenvolvimento global adequado dos profissionais de tradução. A padronização é positiva para assegurar a qualidade da tradução exigida pelo cliente final, mas pode ser também a camisa-de-força em que a criatividade e o estilo original do tradutor definharam até se extinguirem completamente. Além disso, muitos clientes às vezes estabelecem padronizações lingüísticas e estilísticas questionáveis. Como o mercado de trabalho é muito veloz, muitas vezes o tradutor se vê submerso no universo de normas, padrões e restrições dos clientes sem se dar conta das influências que podem estar atuando sobre seu principal instrumento de trabalho: a língua. Quando esse mesmo tradutor se vê solto, sem regras, não é raro ver que o texto que ele produz sai literal e sem vida, ou então influenciado por algum estilo, normalmente o do cliente que mais lhe oferece trabalho. Por isso, é essencial que o profissional da tradução tenha consciência dos pontos positivos e negativos das padronizações em tradução técnica e zele pela sua criatividade lingüística, sem contudo deixar de atender as exigências de seus vários clientes.

Anexos

A.1. A ISO (*International Organization for Standardization*) e a ISO 9000

A *International Organization for Standardization* (ISO, Organização Internacional para Padronizações, www.iso.ch) é uma organização não-governamental criada em 1947 com a missão de promover o desenvolvimento da padronização e atividades afins e, dessa forma, facilitar o comércio de bens e serviços, assim como desenvolver a cooperação em âmbito intelectual, científico, tecnológico e econômico. Hoje, a ISO é uma federação mundial que rege organismos de padronização em 130 países. “ISO” é um prefixo que vem do grego *isos* e significa “igual”. Padronizar é, de certa forma, um meio de igualar itens. Os padrões são acordos documentados, geralmente discutidos entre fornecedores, usuários e até o governo dos países em questão, que contêm especificações técnicas ou outros critérios precisos a serem usados uniformemente como regras, diretrizes ou definições de características, para assegurar a propriedade de materiais, produtos, processos e serviços em um determinado setor. Assim, a ISO contribui para simplificar os produtos e serviços usados em nosso dia-a-dia e também para mantê-los sempre confiáveis e eficientes.

No mundo globalizado, a padronização é essencial para ampliar o comércio internacional. Os padrões internacionais permitem a compatibilidade entre tecnologias de diversos países. A informática é um bom exemplo de tecnologia que precisa de uma padronização rápida e progressiva em âmbito mundial. A compatibilidade total entre os sistemas abertos permite a livre concorrência entre os fabricantes, além de oferecer opções reais aos usuários, já que, dessa forma, há o estímulo constante à inovação, à melhoria de produtividade e ao corte de custos. Ao longo de todos esses anos, a ISO demonstrou o seu valor para a indústria, o comércio e os consumidores de todo o mundo. Dentre suas conquistas, estão padrões adotados amplamente em todos os países e que sem dúvida trouxeram muitos benefícios para os setores envolvidos. Alguns exemplos desses padrões são: o código ISO de velocidade de filmes fotográficos, o formato de cartões telefônicos e cartões de crédito, tamanhos de papel, símbolos para os controles de funções em automóveis, medidas de roscas em parafusos, códigos internacionais para nomes, moedas e idiomas de países, e os certificados ISO 9000 e 14000, que estabelecem um conjunto de padrões para as empresas no gerenciamento e na garantia de qualidade, assim como no gerenciamento do meio ambiente, respectivamente.

A ISO 9000 é uma ferramenta prática que auxilia as empresas e o governo a garantir a qualidade de seus produtos e serviços. Assim como todos os padrões da ISO, o uso da ISO 9000 é voluntário – a menos que ela se torne uma exigência do mercado em determinado setor ou que o governo do país em questão a adote legalmente como uso obrigatório. Dessa forma, as organizações que instituem a ISO 9000 voluntariamente só o fazem porque esperam que esse padrão as ajude a melhorar e proporcionar benefícios reais. A série ISO 9000 consiste em padrões e diretrizes relativas aos sistemas de gerenciamento e padrões de apoio correspondentes para terminologia e ferramentas específicas, como a auditoria (o processo de verificação da conformidade do sistema de gerenciamento com o padrão). A ISO 9000 tem como principal objetivo o gerenciamento da qualidade. O conceito de qualidade é uma noção particular de cada organização. Assim, a definição padronizada de "qualidade" na ISO 9000 refere-se a todas as características de um produto (ou serviço) exigidas pelo cliente. "Gerenciamento de qualidade" significa exatamente o que a organização faz para assegurar que seus produtos estejam de acordo com as exigências dos clientes. Os padrões ISO 9000 têm relação com o modo como a organização lida com o seu trabalho e não diretamente com o resultado desse trabalho. Em outras palavras, o ponto focal são os processos e não os produtos. Apesar disso, é claro que a maneira como a organização gerencia esses processos afeta o produto final. Na ISO 9000, a meta é assegurar que todos os recursos sejam usados para que o produto atenda as exigências do cliente. Entretanto, a ISO 9000 não determina padrões de produtos. Os padrões de sistemas de gerenciamento nessa série estabelecem exigências para as ações que a organização deve executar para gerenciar os processos que influenciam a qualidade. A intenção é que essas exigências sejam genéricas. Independente do que a organização representa ou realiza, se ela desejar estabelecer um sistema de gerenciamento de qualidade, encontrará diversas características essenciais para esse sistema descritas na ISO 9000.

A.2. Português europeu vs. português brasileiro

Diferentemente do que ocorre com a língua espanhola, a língua portuguesa não é homogênea. Apesar de ser falado por cerca de 300 milhões de pessoas (falantes nativos) no mundo, o espanhol ainda assim consegue manter para as traduções (principalmente técnicas) uma língua neutra padrão, controlada pela *Real Academia de la Lengua Española*, o que garante o perfeito entendimento desses textos tanto na Espanha quanto na América Latina. Cerca de 210 milhões de pessoas falam português no mundo atual, mas as diferenças entre a língua falada em Portugal e no Brasil variam principalmente em termos de gramática, pronúncia, vocabulário e ortografia (Lingo Systems, 1999:46). A tabela abaixo mostra alguns exemplos dessas diferenças, retirados de glossários da Xerox do Brasil:

INGLÊS	PORT. EUROPEU	PORT. BRASILEIRO
access	aceder	acessar
collate	separar	alcear
control	controlo	controle
default values	valores por defeito	valores padrão
file	ficheiro	arquivo
keystroke	dedada	toque
mouse	rato	mouse
press	premir	pressionar
printed	imprimido	impresso
printing	a imprimir	imprimindo
screen	ecrã	tela
speaker	altifalante	alto-falante
stapled	agrafado	grampeado
store	guardar	armazenar
tips	conselhos	dicas
update	actualização	atualização
user	utilizador	usuário

A.3. Código de Defesa do Consumidor (parcial)

LEI N.º 8.078, DE 11 DE SETEMBRO DE 1990
CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR(*)

CAPÍTULO V
DAS PRÁTICAS COMERCIAIS

SEÇÃO II
DA OFERTA

Art. 31 - A oferta e apresentação de produtos ou serviços devem assegurar informações corretas, claras, precisas, ostensivas e em língua portuguesa sobre suas características, qualidade, quantidade, composição, preço, garantia, prazos de validade e origem, entre outros dados, bem como sobre os riscos que apresentam à saúde e segurança dos consumidores.

Brasília, 11 de setembro de 1990; 169º da Independência e 102º da República.

FERNANDO COLLOR DE MELLO

Bernardo Cabral

Zélia M. Cardoso de Mello

Ozires Silva

(*) RETIRADO DO SITE DA AMPERJ- <http://www.amperj.org.br>

A.4. Conteúdo dos formulários de controle de qualidade

Os controles de qualidade são feitos em amostragens de cerca de 20% do total de palavras destinado a cada tradutor. A classificação dos erros é feita por tipo, como representado na tabela abaixo. A gravidade dos erros segue a ordem dos tipos, mas pode alterar-se de acordo com seu destaque. Se um erro de gramática ocorrer em um título, provavelmente sua gravidade será mais alta do que se ocorrer no meio de um parágrafo. Em geral, a categoria de erros mais grave (a primeira da lista) é eliminatória (zero erro) e as demais aceitam 1-2 erros a cada 2.500-5.000 palavras traduzidas (esses números dependem do rigor aplicado pela agência em seus controles de qualidade).

TIPO DE ERRO	EXEMPLOS
1. Tradução	Decodificação errada, tradução antônima (ex.: ler <i>yes</i> e traduzir <i>não</i>), tradução literal, falsos cognatos, anglicismos, saltos de trechos, adições desnecessárias, ambigüidade, erros de digitação de números e referências em geral (quantidades, medidas e padrões).
2. Terminologia e glossários	Uso inadequado de termos de acordo com o contexto (ex.: traduzir <i>default</i> como <i>falha</i> no contexto de informática, que significa <i>padrão</i>), não-obediência a glossários recomendados, falta de uniformidade de termos ao longo da tradução.
3. Língua-alvo	Problemas de estrutura frasal/gramatical, concordância, ortografia, pontuação e tudo que diz respeito ao idioma para o qual se está traduzindo.
4. Estilo	Registro inadequado para o texto (ex.: gírias, regionalismos e coloquialismos), escolha pobre de palavras e estruturas frasais, texto truncado, inadequação ao contexto ou em desacordo com o Manual de Estilo do cliente.
5. Padrões	Não-conversão de pesos e medidas e outras convenções usadas no país da língua de chegada.
6. Formatação	Não-obediência às instruções de formatação do trabalho (maiúsculas/minúsculas, negrito, itálico), exclusão de códigos (tags, marcas de índice, texto oculto etc), alteração do layout do original.
7. Instruções do projeto	Diversos tipos de normas específicas do projeto, como ordenação de capítulo de glossário, limitações de caracteres, entre outros.

A.5. Problemas sintáticos e estruturais na tradução técnica (coletânea de 1999)

- 1) **Posição do sujeito (voz passiva):** O exemplo a seguir mostra uma situação em que é possível evitar nas traduções o uso da voz passiva, tão comum em inglês, mas nem tanto em português: Inglês: *The paper feed operation is controlled by the paper feed roller clutch and the paper feed roller clutch solenoid.* Port.: *A embreagem do rolo de alimentação do papel e o solenóide dessa embreagem controlam a operação de alimentação do papel.* Apesar disso, a voz passiva é obrigatória na tradução, em determinados casos, para que a transitividade do verbo em português seja respeitada: Inglês: *The file prints.* Port.: *O arquivo é impresso.* Inglês: *The paper feeds into the machine.* Port.: *O papel é inserido na máquina.*
- 2) **Gerúndio:** A língua inglesa utiliza muito o gerúndio para a substantivação e a adjetivação de verbos, mas em português isso não é usado. Por exemplo: *scanning software* é um *software de digitalização*. Em publicações técnicas, vêm-se muitos títulos ou ações expressas pelo gerúndio, que devem ser traduzidos sem o uso deste em português. Exs.: Inglês: *Using the software features.* Port.: *Utilização dos recursos do software.* OU Inglês: *Doing this, you may...* Port.: *Ao fazer isso, você poderá...* OU Inglês: *The task of sending the right number of training workbooks to a class.* Port.: *A tarefa de enviar o número certo de apostilas de treinamento para um curso.*
- 3) **Regência verbal:** Alguns verbos possuem regência igual em inglês e em português, mas nem todos apresentam essa característica. Exemplos: **Replace with** – A regência de substituir é *por* e não *com*. Por isso é um perigo traduzir literalmente as regências verbais.
- 4) **Preposições: Through** – A tradução *através* não é adequada, a não ser que realmente a frase expresse o sentido de *atravessar*; as preposições portuguesas *com*, *por*, *por meio de* e qualquer outra solução que se encaixe no contexto e no sentido da frase traduzida são opções melhores. Ex.: Inglês: *The XXX tracks the attributes of the paper in each tray through user programming.* Port.: *O XXX rastreia os atributos do papel em cada bandeja com a programação do usuário.* **From** – A tradução *a partir de* não é adequada; a preposição *em* ou qualquer outra solução que encaixe no contexto e no sentido da frase traduzida são opções melhores. Ex.: Inglês: *From the XXX menu...* Port.: *No menu XXX...* **Into** – *pushed into* deve ser traduzido como *empurrado para dentro de* e não *empurrado em*. **Uso da preposição “de”** – Como em inglês não há necessidade da preposição em casos como *paper tray*, por exemplo, na hora de traduzir

há sempre a dúvida entre a forma determinada ou indeterminada. No exemplo dado, o ideal é traduzir como *bandeja do papel*, pois a preposição indeterminada dá a impressão de que a bandeja é feita de papel.

- 5) **Plural e singular:** Palavras como *data*, *software* e *information* têm sentido de plural, mas são tratadas sintaticamente na língua inglesa como formas singulares, tanto é que a concordância verbal é singular (Ex.: *Data is stored in the database*). Na hora de traduzi-las, o tradutor tem que usar formas plurais para manter o sentido original (Ex.: *Os dados estão armazenados no banco de dados*).
- 6) **Pronomes: *Seu, sua*** – Os textos em inglês se valem muito dos possessivos. Porém, quando os traduzimos para o português, se mantivermos os possessivos, o texto fica extremamente pesado. Por exemplo, em vez de *o seu computador*, é melhor usar *o computador*, e assim por diante. ***Esse X este*** – Em inglês, não há diferença: tudo é *this*. Em português, a regra é simples: usar *este* somente quando tratar-se de algo que ainda será mencionado ou quando o texto estiver referindo-se ao documento, seção etc. em questão; nos outros casos, usar *esse*. Exemplos de *este*: *Nesta seção, você aprenderá...*; *Estes itens compõem o XXX*: (segue-se uma lista).
- 7) **Artigo definido/indefinido:** A língua inglesa usa bastante o artigo indefinido (*a, an*) em situações que a língua portuguesa daria preferência ao artigo definido ou mesmo à sua supressão; isso é muito comum nos textos técnicos e o tradutor se vê tentado a usar uma tradução literal. Ex.: Inglês: *As an example, ...* Port.: *Como exemplo, ...* OU Inglês: *This equipment provides an ideal input device for this software solution through its network scanning features.* Port.: *Este equipamento oferece o dispositivo de entrada ideal para esta solução de software, com os recursos de digitalização em rede.*
- 8) **Falsos cognatos: *Enable, to*** – Deve-se traduzir como *permitir* (*enable the user, enable you* etc.) ou *ativar* (*enable the function* etc.) e não como *habilitar*. ***Revolution*** – A tradução correta é *volta* e não *revolução*, que tem conotações políticas e nada tem a ver com o contexto técnico.
- 9) **Concordância verbal: *Condicional*** – Quando usar condicional, deve-se manter um só tempo verbal nas duas etapas da sentença: futuro e futuro ou presente e presente. Ex.: *Quando uma Bandeja Dedicada for aberta, uma tela auxiliar informará qual papel específico deve ser usado na bandeja.*
- 10) **Traduções literais: *Include, to*** – Na maior parte dos casos pode e deve ser traduzido como *conter* e não como *incluir*. Ex.: Inglês: *The XXX includes A, B e C.* Port.: *O XXX contém A, B e C.* Outras adaptações podem ser feitas para evitar a tradução literal e o

empréstimo da palavra inglesa. Ex.: Inglês: *Such attributes include:* (segue-se uma lista) Port.: *Esses atributos são: See page XXX for information, for more details etc.* – Nesses casos, deve-se usar sempre a estrutura com os verbos *consultar* e *obter* e evitar deixar a frase em português sem o segundo verbo (como em “Ver página XXX para informações). Ex.: *Consulte a página XXX para obter mais informações. Complete, to* – Deve-se traduzir como *concluir* e não como *completar*. Ex.: Inglês: *Complete step one as required.* Port.: *Conclua a etapa 1 conforme necessário. Require, to* – Deve-se traduzir conforme o contexto: *requerer*, *exigir*, *solicitar* e outras soluções. Dependendo da frase, a escolha em português parecerá mais natural ou não. Não se deve, por exemplo traduzir *Complete step one as required* como *Conclua a etapa um conforme requerido*, mas sim como *Conclua a etapa um conforme necessário*.

- 11) Miscelânea: *Instead of, rather than*** – A tradução depende do contexto. Deve-se traduzir *em vez de* quando o sentido for *no lugar de* e *ao invés de* quando o sentido for *ao contrário de*. Nos textos técnicos é mais comum o primeiro caso.

A.6. O português da Internet

Crônica de Matthew Shirts, historiador e brasilianista, publicada no jornal O Estado de São Paulo, sábado, 19/02/2000 - O português da Internet

Para o constrangimento de nacionalistas do mundo todo, em algum momento do século 20 o inglês substituiu o francês como o idioma de praxe dos contatos internacionais. O domínio da língua de Shakespeare, na sua versão americana, consolidou-se após a 2ª Guerra Mundial e, de lá para cá, só fez crescer o raio de sua influência.

Foi o cinema o veículo mais eficiente da propagação do inglês, creio, sempre apoiado em realidades geopolíticas. O rico cotidiano dos gringos seduzia corpos e almas ao redor do globo, insinuando-se por meio da tela grande. O cinema americano representou uma grande novidade na história do planeta. Nunca antes um povo projetara a sua imagem da mesma forma, chamando o resto do mundo para participar dos seus dramas do dia-a-dia.

Com a Internet, então, o domínio do inglês ficou ainda mais claro.

Passou a ser a verdadeira e única língua franca do mundo, escrita de uma maneira ou de outra em todas as partes. O sonho dos esperantistas se foi de uma vez para todas. Alguns já previram o fim de todas as outras línguas. O mundo, dentro em breve, passaria a comunicar-se no idioma dos americanos.

A minha posição neste debate todo não era assim tão radical. Sempre admirei muito a maneira como os brasileiros assimilam o inglês, fazendo dele uma forma própria de comunicação. Mas não podia deixar de observar os avanços implacáveis da língua de Bill Gates. O seu domínio completo parecia ser uma questão de tempo.

Até outro dia, quando recebi uma cópia de uma mensagem eletrônica enviada por meu pai, da Califórnia, para a minha filha (sim, aquela que é amiga do Covas), aqui em São Paulo:

"Querido Maria: Comprei este novo programa de software que me permite traduzir qualquer coisa eu escrevo em inglês em português. Se você me envia uma letra em português, eu posso traduzi-lo e lê-lo em inglês. Penso funciona bem se eu não uso muitos colloquialisms. Por exemplo, se dissesse o cavalo estava tão morto quanto um prego de porta, eu não penso o programa de software seria capaz de traduzir isso muito bem. Então agora pode escrever nos em português e nós devemos estar capazes de lê-los. Estive doente.

Estou melhorando mas está tomando um tempo longo.

Perdemo-lo todo.

Os abraços e Vovô de Kisses.

Grandpa"

Quase compreensível - Não é impressionante? Tudo bem, não chega a ser Machado de Assis ou Reinaldo de Moraes, mas está quase que perfeitamente compreensível. Fiquei um pouco preocupado com a frase "perdemo-lo todo", é verdade, e acabei ligando para o meu pai para saber o que significava. Uma tradução mais padrão seria "estamos com saudades de vocês todos" (o original é "we miss you all"). "O cavalo estava tão morto quanto um prego de porta", eu entendi. Mas acho a frase esdrúxula mesmo no original.

Ou seja, estamos indo rapidamente para a ponte de comando da Enterprise, onde nunca há problemas de tradução. Todas ou quase todas as línguas são vertidas quase instantaneamente na nave espacial de Jornada nas Estrelas. É coisa do século 21, como se dizia antigamente.

Imaginem a felicidade dos esperantistas. A comunicação global está se tornando uma realidade, sem sacrificar idioma algum.

Contra todas as expectativas, a Internet pode muito bem "fortalecer" o português, o japonês, até mesmo o francês. Está aí um bom projeto para os lingüistas e engenheiros brasileiros: aperfeiçoar os softwares de tradução. O mundo vai mudar muito nos próximos 30 anos.

Referências bibliográficas e Bibliografia básica

1.1. Referências bibliográficas

- ARROJO, Rosemary. Trabalhos em Lingüística Aplicada (11), “Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paulo Vizioli falam sobre Tradução”, Campinas (UNICAMP), 1988, pp. 53-65.
- CARLIN, George. Brain Droppings, Hyperion, May 1997.
- ESSELINK, Bert. A Practical Guide to Software Localization, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, Philadelphia, 1998, pp. 7, 136-151, 279-280.
- FERON, Robert. A qualidade de uma tradução (era: Tradução também tem concerto – JB de 20 Fev 2000), Correio eletrônico da lista de discussão de tradutores de português Trad-prt. IN: <http://www.onelist.com/messages/trad-prt/31828>, 21/02/2000.
- FREIVALDS, John. Consolidation in the Language Business. IN: Multilingual Computing & Technology #13 Volume 8 Issue 2, March, 1997, p. 28.
- LAVÔR, Luciana. Traduzindo para o E-business. IN: Jornal do Comercio, 23 de outubro de 1999.
- LINGO SYSTEMS. The Guide to Translation and Localization, IEEE Computer Society, Los Alamitos, CA, 1999, pp. 4, 6-7, 46.
- LISA, The Localisation Industry Standards Association, home page: http://www.lisa.unige.ch/info_faqs.html, 2000, pp. 1-2.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. A vez dos tradutores no mercado global, Caderno Ce, 6 de fevereiro de 2000.
- SAWYER, Joel. The Language Market Through 2005. IN: Multilingual Computing & Technology #13 Volume 8 Issue 4, August, 1997, p. 29.
- SHAPIRO, Tom. The Value of Process Management. IN: <http://www.rubric.com/local/article/sdp9801.html>, January 1998, p. 1.
- TRANSNEWS, O jornal interno da Equipe Xerox e da Follow-Up. Pérolas do Systran, Mundo Xerox, Número 2, Outubro de 1996, p. 29.

1.2. Bibliografia básica

- Almanaque Abril, São Paulo, Editora Abril, 1998.
- Babylon Translator V. 2.1 Build 36 Last Update 15/12/99
 URL:<http://www.babylon.com>
- BENEDETTI, Ivone Castilho. Sintaxe inglesa, Correio eletrônico da lista de discussão de tradutores de português Trad-prt. IN:
<http://www.onelist.com/messages/trad-prt/30632>, 27/01/2000.
- BENNETT, Mike. Translation Technology Trends. IN: Multilingual Computing & Technology #24 Volume 10 Issue 2, May, 1999.
- BROWN, Rita Mae. Starting from Scratch, Bantam Books, New York, 1989.
- CELENTE, Renata Mello. Re: Novatos/Veteranos – boas-vindas, Correio eletrônico da lista de discussão de tradutores. IN:
<http://www.onelist.com/messages/tradutores/2141>, 14/02/2000.
- CERQUEIRA, Jorge Pedreira, de. ISO 9000 no Ambiente da Qualidade Total, Editora Imagem, 1993.
- CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR, página da Internet:
<http://www.procon.ce.gov.br/CDCONS.htm>, 2000.
- DYSON, Peter. Dicionário Prático para PC, Editora Ciência Moderna, Rio de Janeiro, 1995.
- FOLLOW-UP TRADUÇÕES TÉCNICAS. Manual de Estilo da Follow-Up, Rio de Janeiro, Janeiro de 1999.
- HEUBERGER, Andres. The Localization Industry E-Merges. IN: Multilingual Computing & Technology #30 Volume 11 Issue 2, March, 2000.
- International Organization for Standardization homepage: <http://www.iso.ch>.
- IVERSON, Steven P. & KUEHN, Heidi E. Proposed Maturity Model for Translations. IN:
<http://www.translat2000.com/resources/MaturityTrans.html>, 15/02/2000.
- JORNAL DO BRASIL. Tradução também tem conserto, 20 de fevereiro de 2000.
- KIT NEWS. Tradução, um elo multinacional, Publicação interna da Xerox do Brasil, 1980.
- LANK, Steve. ASTM Standard for Language Translation. IN: Translation Journal, Volume 4, No. 1, <http://www accurapid.com/journal/11astm.htm>,

January 2000.

LINGO SYSTEMS. The Guide to Translation and Localization, IEEE Computer Society, Los Alamitos, CA, 1999.

MARTINS, Márcia A. P (org.). Tradução e Multidisciplinaridade, Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 1999.

MCMILLIN, Kei Matsuo. Translation is Translation: Not Creative Writing. IN: Across The Language Gap – Proceedings of the 28th Annual Conference of the American Translators Association, Albuquerque, New Mexico, October 8-11, 1987.

MICROSOFT CORPORATION. Brazilian Portuguese Style Guide, version 5.5, Redmond, WA., USA, last update July 9th, 1999.

NEMOTO, Masao. Total Quality Control for Management, Englewood Cliffs, Prentice Hall, Inc., N.J., 1987.

O' CONNELL, Fergus. Successful High-Tech Project-Based Organizations, Artech House, Boston – London, 1999.

PC WORLD. Fale a sua língua, Número 68, fevereiro de 1998.

SHAPIRO, Tom. The Value of Process Management. IN: <http://www.rubric.com/local/article/sdp9801.html>, January 1998.

SHIRTS, Matthew. O português da Internet. IN: O ESTADO DE SÃO PAULO, 19 de fevereiro de 2000.

SILVA, Maria Emília Barcellos da Silva. O dizer nosso de cada dia. IN: Revista do Clube Militar, Número 368, Fevereiro de 2000.

SIMÕES, Jussara. Re: Novatos/Veteranos, Correio eletrônico da lista de discussão de tradutores. IN: <http://www.onelist.com/messages/tradutores/2207>, 17/02/2000.

The International Organization for Standardization (ISO) home page: <http://www.iso.ch/>, 2000.

The Localisation Industry Standards Association (LISA) home page: <http://www.lisa.unige.ch/>, 2000.

WAGERS, Laurel. Translation Database Costs and Benefits. IN: Multilingual Computing & Technology #26 Volume 10 Issue 4, September, 1999.

XEROX DO BRASIL. Glossário “Diferenças de vocabulário entre Brasil e Portugal (DSC 220/230)”.

XEROX DO BRASIL. Procedimentos de Tradução Xerox, Versão 1.0, Rio de Janeiro, Outubro de 1997.